

**CAMARGO, Daniela Aquino.** Encontros com o corpo. Porto Alegre: UFRGS. Mestre em Artes Cênicas, Docente Temporária do Curso de Dança-Licenciatura UFPEL, Atriz – Bailarina do Grupo Gaia Dança Contemporânea.

## RESUMO

Encontros com o corpo foi a maneira encontrada para nomear um grupo de profissionais de áreas distintas que se reuniram para discutir o tema comum aos três, o corpo e suas especificidades. Esse grupo era constituído por uma atriz, uma pesquisadora do movimento e por um médico de família e comunidade. O projeto partiu da pesquisa de mestrado, desenvolvida no PPGAC, que discute a relação médico/ paciente, a partir da óptica do teatro. Encontros com o corpo pretendia se tornar uma atividade de extensão, mas não chegou a tanto. Este artigo busca retomar uma parte das discussões do grupo acerca da linha que divide a aula de educação somática e a dança. O momento da aula é também momento de criação? O que acontece na relação professor e aluno? Quando um movimento pode ter uma expressão além do simples movimento, ele começa a tomar uma dimensão de dança? A diferença pode ser a expressão do movimento, ou, então, quando o movimento está recheado de vida, de imagens, o corpo todo se expressa. Os elementos que orientam a pesquisa, neste momento, são: a relação verdadeira de troca e a ideia de corpo, como patrimônio.

**Palavras-chave:** Corpo. Educação Somática. Dança. Encontro.

## ABSTRACT

Encounters with the body was the name given to call a group of professionals from different sectors committed to discuss the common theme, namely the body and its specificities. This group consisted of an actress, a movement researcher and a family physician. The project started from a master's degree research, developed in PPGAC – Programa de pós-graduação em Artes Cênicas UFRGS, which discusses the doctor-patient relationship, from the perspective of the theater. Encounters with the body intended to become an extension activity, but did not achieve that. This article aims to regain part of the group discussions about the line that divides the class of somatic education and dance. Is the time of a lesson also the moment of the creation? What happens between teacher and student? When a movement has an expression beyond its simplicity, does it become dance? The difference may be the expression of the movement, or else when the movement is full of life, images, the whole body expresses itself. At this time, the elements that guide this research are: the true exchange relationship and the idea of body as heritage.

**Keywords:** Body. Somatic Education. Dance. Encounter.

As minhas primeiras aproximações com a educação somática se deram ainda nas aulas de graduação em Artes Cênicas, no Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1999 e 2002, quando recentemente o termo estava sendo usado, após sua criação em 1995. Quando participei do processo de criação de espetáculo de

Direção V de um aluno do departamento, tomei contato pela primeira vez com o trabalho de Bia Diamante. Desde o ano de 2004 venho desenvolvendo um estudo sistemático das possibilidades expressivas do corpo, e de como ele, corpo, pode ser um local de constante aprendizado e inspiração para a criação.

Desde nosso primeiro encontro, Bia e eu nos identificamos mutuamente, tanto em relação à nossa trajetória de pesquisa pessoal, quanto pela coincidência de termos buscado o autoconhecimento corporal devido ao fato de termos patologias semelhantes na coluna vertebral. A nossa combinação desde o início dos encontros, entre Diamante eu, é que exploraríamos o movimento, sempre levando em consideração a percepção corporal, com o emprego de técnicas já estudadas por Bia, entre elas *Eutonia*, *Método de Ida Rolfing*, *Antiginástica*, de *Tereze Berterat*, como forma de desenvolver a percepção corporal, a fim de tornar o corpo mais disponível para a improvisação/ criação. Concordo que no ensino da Educação Somática a “ênfase é posta não sobre o *quê* se aprende e sim *como* se aprende” (BOLSANELLO, 2005, p. 101).

Paralelamente aos encontros com Diamante, mantive minha pesquisa desenvolvida no Projeto de Habilidades de Comunicação, junto ao Departamento de Medicina Social da UFRGS, sem vínculos institucionais. O projeto era coordenado pelos professores Odalci José Pustai e Mário Tavares. Esse estudo consistiu no encontro entre Teatro e Medicina de Família e Comunidade. A experiência, pelo viés das Artes Cênicas em diálogo com a Medicina, está registrada em minha dissertação de mestrado.

A união das duas pesquisas se deu na forma de diálogos colaborativos, que uniu Pustai, Diamante e eu, as quais denominamos “Encontros com o Corpo”, ou seja, mais uma ramificação do Projeto de Habilidades de Comunicação. Esses encontros filosóficos versavam sobre o corpo e suas acepções na arte, na medicina e nas relações humanas. Nesses encontros discutíamos temas como essência pensante e essência da substância do corpo, tempo dialógico, modos de percepção em Espinoza, conduzidos por Pustai, pois tais assuntos fazem parte do seu horizonte de pesquisa. Os encontros geralmente se desenvolviam a partir de uma ou mais questões, mediadas pelo professor Pustai.

Em um de nossos encontros, Pustai levantou a questão da abordagem do professor ao aluno, o seu papel e o do aluno no processo de aprendizagem. A seguir, relato a minha resposta ao questionamento de Pustai, complementada por comentário de Diamante. Da mesma forma que desenvolvi a escrita em minha dissertação de mestrado, para relatar a experiência vivida nos “Encontros com o corpo”, aproximei-me de Marília Amorim, que estuda as ciências humanas sob uma perspectiva *bakhtiniana*. O texto a seguir foi criado a partir de material transcrito em um dos “Encontros com o corpo”. Sendo assim, alio-me ao aspecto de “proximidade com o outro, na identificação, na empatia e na naturalidade do encontro” (2001, p. 17). Há no texto de Amorim uma abordagem dialógica ou polifônica, visando uma alteridade, onde o autor acolhe e é acolhido pelo outro.

Penso que o corpo é um reflexo e nós somos o que os outros veem na gente. Eu vou falar a partir do meu corpo, que eu acho que é mais legítimo. Eu sinto que o meu corpo reflete sensações internas e também de como eu vivo e com quem eu me relaciono. Neste momento (dia 6 de julho de 2007), por exemplo, eu sinto muitas dores no meu corpo e isso é sintomático de outros momentos que eu já vivi também e eu começo a pensar, essas dores são causadas, elas vêm de dentro realmente de uma patologia que eu tenho, de coluna? Ou já é um pouco do invisível, assim. Ou é uma opressão também, uma opressão de vida, de trabalho, e eu estou sentindo de verdade essas dores, fui buscar ajuda num trabalho com a Bia (Diamante), principalmente nesse trabalho que a gente desenvolve, mas eu acho que é um momento de descobrir também o que eu posso fazer com meu corpo. Como eu posso amenizar essas dores? Essas dores não são só físicas, penso que é uma falta de trabalho que eu já tive e que nesse momento não está acontecendo, um trabalho artístico. Talvez hoje eu consiga perceber as necessidades do meu corpo melhor do que antes e, talvez, por isso eu consiga detectar melhor essas dores, que não são só dores, como eu já escrevi, físicas. Percebo como algo que está me trancando, é a própria cervical. Quando eu sinto essa pressão na cervical, eu sinto uma pressão na garganta. É uma coisa que não é apenas uma sensação anterior, é posterior. A dor lombar é uma dor que sinto encurvar a minha coluna, também. Então eu estou me sentindo fechada, nesse momento. É como se a cervical quisesse encontrar a lombar. De certa forma, elas estão muito tensionadas e nesse momento é isso que eu estou sentindo. Eu não sei se eu estou conseguindo responder... a pergunta do Odalci (PUSTAI) e uma pergunta é muito global, porque eu estou tentando entender coisas, assim, pequenas, nesse momento e tem tudo a ver com retomada de trabalho, por exemplo, voltar a um trabalho que começou há dois anos, no teatro, que é buscar entender como cada um funciona dentro do grupo. Esse grupo que nós temos que se formou por um motivo e gerou um desdobramento muito mais interessante que o motivo que gerou a nosso encontro. Eu vejo que os nossos corpos, e isso inclui mente, têm uma ligação maior, porque se trata de pessoas que eu encontrei no trabalho, pessoas que me ajudam, que me ajudaram muito, até a entender melhor questões corporais e questões teóricas. Para mim, esse grupo vai servir mais para isso, para eu conseguir destrinchar algumas questões, tanto corporais, quanto de trabalho, artístico mesmo. Sempre tive vontade de ter um trabalho que realmente refletisse mais as questões corporais, não de forma esporádica, mas sim continuada. É difícil manter um trabalho continuado, ter um grupo que vá pensar esse corpo dentro do trabalho. A Bia sempre foi um olho de fora, eu sinto a Bia como uma pessoa que conduz, sem estar impondo, ela sabe aproveitar o que está acontecendo no aqui agora, mas, ao mesmo tempo eu também estava sozinha ali naquele processo, vivendo a experiência de modo único. Durante o processo das aulas fomos descobrindo que os “movimentos” já viravam dança, estavam impregnados de vivência e de potencialidades para a criação.

A partir do meu relato, Diamante comenta que quando questionada sobre como conceituava seu trabalho, tinha dificuldade de encontrar uma denominação para as pessoas que viviam a experiência dos encontros. Ela mesma, mais tarde chegou à conclusão de que se trata de uma relação de aluno e professor, no sentido maior da palavra, onde uma pessoa detém certo conhecimento e

outra pessoa vai à procura dele. A partir do momento em que ela descobre que é uma relação com aluno, que é uma relação com o conhecimento, para ela não há duração, no sentido cronológico, o conhecimento vai sendo construído conjuntamente. É uma relação de troca, que pode ser para a vida inteira, isso é importante. A demanda vem do aluno, que tem uma questão fundamental, o processo de aprendizado corporal é íntimo, acontece de forma diferente para cada aluno, é o aluno que vai construir o seu próprio conhecimento. Cabe ao professor mostrar o caminho que, sem dúvida, isso é importante que fique claro. Existe uma troca de conhecimento, Diamante considera hipócrita dizer que somos iguais.

Ela também afirma que as pessoas chegam, muitas vezes, até suas aulas dizendo que estão com uma dor no braço, estão com um problema, que é uma questão clínica, o braço está com dificuldade de locomoção, de movimentação, sentindo falta de ar, isso aí é mais amplo, falar disso é uma besteira, a gente o tempo todo está sentindo coisas que não são agradáveis. Com o nosso trabalho, segundo Diamante, a pessoa se deixa, ela se torna vulnerável para aquele movimento penetrar nela, ela não o faz simplesmente por fazer, ele vai “virando dança”. Ela, ao fazer, percebe a sua vulnerabilidade corporal. Sente dor, sente prazer, mas deixa, se permite viver essa experiência com seu corpo. Se não tiver isso, se a pessoa não tiver essa vontade ela vai ter um ganho, mas é um ganho que não seria o mesmo de uma pessoa que busca a trajetória que estamos procurando, que é um ganho de uma vida mais integrada consigo e com o mundo. Ou seja, é um corpo que está aberto para receber o que vem de fora e não para se fechar. Penso que a ideia de conforto também é importante, porque existe, na verdade, um desconforto o tempo todo com o nosso corpo, que é complicado mesmo, ele é desconfortável, seria bom se ele fosse mais durinho, mais acertadinho, mas não é. Toda hora está tudo escapando da gente. Na verdade, conviver com o desconforto eu acho que é um grande passo para a vida, aceitar que toda hora está mudando, que seja para uma coisa, que seja por outra, porque na verdade as coisas estão vivas o tempo todo e essa sensação de vida é que faz com que a gente aceite os limites e que a gente melhore e que a gente crie uma relação com o corpo, aceitando essa limitação.

O meu entendimento, o entendimento de corpo desenvolvido nas aulas que “viram dança” com Diamante, aproxima-se das ideias de Grotowski, que não queria alunos, e sim, companheiros de armas, pessoas que compartilhassem do mesmo sentimento e entendessem a criação como resposta à experiência da vida. Dessa forma, é necessário que sejamos capazes de manter uma conexão viva um com o outro, em especial aqui me refiro ao relacionamento professor e aluno. Dessa forma, a aprendizagem estende-se a todos os envolvidos a partir da experiência coletiva, tomada pelo afeto e permeada por um conhecimento intuitivo. A compreensão da importância do autoconhecimento corporal remete-me a outra ideia desenvolvida por Diamante, a de Corpo Patrimônio, um termo que vem sendo utilizado por ela para explicitar a importância de sermos donos de nosso corpo, no sentido da experiência. Por isso a importância de entendermos o corpo como uma soma de tudo o que vivemos, que construímos, ou seja, um campo ilimitado de investigação.

Os momentos vividos com intensidade, como nos encontros realizados nas aulas desenvolvidas por Diamante, são capazes de tornar a busca o encontro e o encontro a busca. O corpo patrimônio, neste caso, aproxima-se do corpo-vida, só pode de fato se efetivar se a memória de um ato vivido puder ser novamente redimensionada, com todas as potencialidades psicofísicas, de uma forma natural, porque se ajusta perfeitamente ao momento que estamos agindo. Como o próprio autor afirmou, “Hay que darse cuenta que nuestro cuerpo es *nuestra* vida. En nuestro corpo están inscritas todas nuestras experiencias” (GROTOWSKI, 1996, p. 43).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2005.
- BOLSANELLO, Débora. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.2 pp. 99-106, mai./ago. 2005.
- CAMARGO, Daniela Aquino. **Tudo sobre Soraya: Composição da personagem e atuação na Consulta Encenada**. Dissertação de Mestrado. 2010. Programa de Pós-Graduação Artes Cênicas. UFRGS/RS.
- GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Máscara**. Número especial de homenagem. Números 11 – 12. 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.